

Um livro
De
Natan Lucas Tomaz

Num Mundo de ficções

2015

Nessa compilação de obras, da minha autoria e com colaboração, o leitor poderá emergir em mundos ficcionais. Dos contos e roteiro presentes nas páginas a seguir, desta obra, há a possibilidade de viajar entre o terror e o amor, entre o alívio e a angústia, entre a empatia e o ódio. Boa leitura.

Thomaz Nalu.

Sumário

História de acampamento	3
Herói de Guerra	9
Sob os pés.....	11
No fim da Noite	13
Mark.....	16
Sob as sombras da noite.....	20
Numa Lanchonete	27
Ice cream in the sky	29
Márcio	29
MORTUÁRIA.....	31

História de acampamento



Estavam em uma sala empoeirada dentro de uma casa abandonada no coração de uma floresta silenciosa e longe de tudo era a primeira vez que Victor saía para acampar e também a primeira vez que dormia longe de casa. Junto a ele estava Alec, seu irmão mais velho. Alec já não era um garoto que pouco sabia da vida e não era a primeira vez que dormia longe de casa. Há anos ele acompanhava seu pai nas caçadas. Sentaram-se ao redor de uma lareira onde a lenha crepitava e exalava um calor aconchegante sobre os garotos e fornecia a única fonte de luz sobre os dois já que as janelas estavam tampadas por longas cortinas escuras. Sobre o veludo vermelho do tapete, o irmão mais velho retira da mochila uma garrafa térmica contendo a refeição do dia e, com um gesto estende o objeto até Victor. Saboreando o líquido espesso que preenche sua boca Victor sente-se confortável e feliz por estar ali naquele momento e desfrutar pela primeira vez a sensação de liberdade que nunca teve com um de seus pais sempre por perto.

O único som que reinava na sala era o do crepitar da lareira e do vento batendo na janela, mas não era o tipo de silêncio constrangedor de quem não tem o que falar, e sim, um silêncio entre duas pessoas que apreciavam a mera presença um do outro. Os dois irmãos nem sempre viviam sobre o mesmo teto e, mesmo quando isso acontecia, a proximidade de seu pai deixava uma sombra da qual os dois não conseguiam se livrar. Mas ali, sozinhos, ambos estavam plenamente confortáveis pela companhia um do outro. Alec estava especialmente surpreso o quanto seu irmãozinho havia crescido na última estação. Deduziu que a partir daquela primavera, Victor começaria a participar das caçadas aos humanos, por isso tomou pra si a tarefa de alertar sobre o que os esperava quando a neve abaixar.

- Victor, o que você sabe sobre os humanos?

Surpreso pela quebra do silêncio, o menino tira os olhos das chamas sedutoras e fita o irmão por alguns instantes antes de dar de ombros.

- Nada mesmo?

Era a primeira vez que alguém falava abertamente com o garoto sobre esse assunto. Mesmo que de alguma forma o tema ser constante, já que eles eram sua caça e sua fonte de alimento. A fonte essencial para sua sobrevivência, mas nunca tratado abertamente com o menino. Victor sem muita convicção responde ao irmão.

- Eles são nosso alimento, ficam além da floresta e das montanhas e também são perigosos, é o que o pai diz.

- E ele tá certo. E como você acha que eles são?

- Hum, altos eu acho.

Essa resposta fez uma risada gostosa de ser ouvida por qualquer um nesse planeta ecoar pela sala. Quando finalmente parou de rir Alec, olha com seus olhos, que já lacrimejavam, para o irmãozinho que parece mais confuso do que irritado pela reação do irmão. Quando aos poucos retoma o fôlego, Alec continua a conversa.

- Você não está totalmente errado. Alguns são altos, outros são baixos, alguns são fortes outros fracos. Possuem dois braços, duas pernas, assim como nós. Existem feios e bonitos. Há feias e bonitas, mas todos, sem exceção, possuem muito sangue. É como a fonte de vida deles.

- Assim como é a nossa.

- Isso mesmo, assim como é a nossa, mas sabe o que é estranho? Eles não se alimentam de sangue como nós, os humanos produzem seu próprio sangue.

Alec produz o efeito que esperava. Naquele momento não havia mais nada no mundo de Victor que merecia mais a atenção do que as palavras do irmão. Esse era o rito de passagem que todo jovem vampiro precisava passar antes de partir na sua primeira caçada. Alec estava feliz em ser o responsável por isso e não seu pai, já que o irmão não precisaria passar pelos mesmos horrores que assombraram o jovem na primeira visita as aldeias no outro lado das montanhas. Mas também não deixaria de alertá-lo do que os esperaria daqui a poucos dias. O jovem caçador continua sua fala.

- Você se lembra daquela raiz nauseante que o pai trouxe pra casa daquela vez, né? Pois então, eles a usam pra temperar a comida deles.

- Como assim? Eles não vomitam tudo depois? O que eles comem?

- Só sei o que eu vi, uma vez na floresta um de seus caçadores estava temperando um esquilo e usava o alho pra dar gosto a comida.

- Esquilo! Que nojo! O sangue deles não presta.

Victor faz seu irmão soltar outra risada.

- Eles não se alimentam de sangue, Victor, você se lembra? Eles comem a carne do esquilo.

O menino lutava com a cena que ia se formando em sua mente, a de um homem (que parecia um de seus primos da parte mais profunda da floresta) se alimentando de um esquilo dilacerado ainda contendo os pelos que estavam impregnados de alho. Percebendo a careta de horror que se formou no rosto do menino, Alec continuava a história.

- Alguns deles até comem frutas e folhas.

- E é assim que conseguem sobreviver? Comendo essas coisas?

- Sim, vivem suas vidas inteiras sem nunca experimentarem uma gota de sangue.

- Mas isso não é natural, eles não são normais.

- Não, não são normais e, sim, monstros, mas monstros que nos dão o que comer. Eles são mais nutritivos, mais saborosos e essenciais para sobrevivermos. Nós podemos nos alimentar só de sangue de alces, ursos ou outros bichos, mas não teríamos uma vida longa se fizéssemos isso e ainda nos tornaríamos fracos e doentes. É só por esse motivo que nos arriscamos além da nossa floresta em busca de seu sangue porque precisamos dele.

- É por isso que o Tio Benji é tão diferente? O pai diz que ele é covarde e por isso escolhe se alimentar só do que a floresta dá pra ele.

- O tio Benji não bate bem das ideias você sabe né? Ele tá velho e perdeu seus herdeiros. Ele não vê mais motivo para cruzar as montanhas, nada mais faz muito sentido naquela cabeça, então as corsas já bastam pra aquele maluco.

- Foram os humanos que mataram os primos?

- Sim, há cinco verões atrás.

- O pai diz que eles são perigosos, é por que eles são fortes?

- Não, longe disso, me lembro de quando o pai me falou sobre eles e os descreveu como criaturas horríveis. Ele me disse que eram muito altos e fortes, que só de te olharem você era um vampiro morto porque te arrancariam a cabeça com as próprias mãos. Bom, pelo menos eles não usam as mãos.

Victor olha com mais curiosidade pro e irmão e mesmo sabendo que provavelmente não irá gostar da resposta, faz a pergunta.

- Então por que devemos ter tanto medo? O que é tão perigoso neles?

- Eles são espertos e, quanto mais jovens, mais ágeis são. Usam machados ou espadas para decepar sua cabeça. Sempre andam com estacas de madeira em suas cinturas e enrolam prata em seus pescoços. Se te pegarem vivo o jogarão em uma fogueira e verão você se tornar cinzas diante de seus olhos enquanto riem e aplaudem sua morte.

Enquanto lançava essas palavras no ar, Alec assumiu um semblante sombrio que fez seu irmão tremer. Aquelas palavras surtiram efeito imediato no garoto que se deixava tomar pelo medo. O irmão mais velho não parava de

falar, mesmo assistindo Victor se encolher sobre o tapete, colocando sua cabeça sobre os joelhos enquanto abraçava suas pernas com seus braços.

- Nunca pare de correr durante a noite se te perseguirem por que durante o dia eles não pararão de te procurar. A luz do sol que nos cega e nos enfraquece só lhes dá poder. Eles são filhos do dia e se fortalecem com os raios que o sol irradia sobre seus protegidos. Esconda-se no lugar mais seguro que encontrar enquanto a noite ainda reina e torça pra que os cães deles não o achem. Quando for mais velho lembre-se que a noite é sua mãe então se forem poucos aqueles que o perseguem acabe com o máximo deles enquanto o manto escuro da noite ainda te esconde, mas acima de tudo quando a neve baixar e nós três formos caçar nunca saia de perto de mim ou do pai, você entendeu?

Aquelas últimas palavras demoraram a produzir efeito sobre o garoto. Todas aquelas informações sobre os humanos o apavoraram. Victor ainda formava a imagem de criaturas enormes arrancando sua cabeça com as mãos ou com espadas. Intercalando-se com essas imagens de monstros gigantes estavam as imagens de cães o perseguindo pela floresta enquanto ele sabia que uma fogueira o esperava na aldeia mais próxima. Depois de toda essa confusão mental aquelas últimas palavras o fizeram estremecer e ecoavam em sua mente: “quando a neve baixar e nós três formos caçar nunca saia de perto de mim ou do pai você entendeu?”. Alec percebendo o irmãozinho estático. No final não pegou tão leve quanto pretendia. Tenta acalmar Victor.

- Olha, você já tá grande e forte e tenho certeza que o pai o levará nessa temporada, mas lembre-se nenhum de nós dois o deixará sozinho, você sempre terá companhia.

Ainda encolhido no mesmo lugar, Victor não esboça nenhuma reação e Alec continua sua tentativa de acalmar o irmão.

- Ainda me lembro de quando ouvi sobre os humanos pela primeira vez, eu os imaginei como criaturas sobrenaturais e horripilantes e pensei que nunca conseguiria matar nenhum deles, mas você verá que nem todos são ameaças e que conseguiremos sobreviver quando encontrarmos alguns deles. Victor, prometa que não sairá de perto de um de nós e que fará o que mandarmos.

O garoto só balança a cabeça positivamente. Alec levanta-se e da mochila retira um cobertor feito de pele de urso que estende no chão. Ao ajoelhar-se ao lado do irmão caçula ele coloca sua mão esquerda sobre o obro de Victor.

- Deite-se já está na hora de dormir, o sol já está alto.

O garoto deita-se sobre o cobertor e enrola-se nos pelos da pele que já pertenceram a um enorme urso.

- Durma bem maninho, não queria tornar isso pior que foi pra mim, mas há coisas lá fora que você precisa saber e temer. Eu não vou dormir até você acordar então não tenha medo, durma bem.

Mas Victor tinha medo, ele temia os monstros que estavam lá fora os monstros que ele teria que enfrentar. Naquele dia seu sono ficou repleto de cenas com os terríveis humanos usando suas estacas e correntes de prata, os comedores de esquilos e queimadores de vampiros. Os filhos do sol faziam mais uma criança se perder no terrível mundo dos pesadelos.

Herói de Guerra

Sangue, ossos, carnes, pele, pedaços do cérebro estavam por todos os lados. O tiro tinha sido certo. Fardado, o soldado seguia pelos corredores do depósito de munições. Ao virar uma curva descuidadamente é acertado no abdômen. O colete à prova de balas diminui o dano. Sua reação foi acertar dois tiros no agressor. O corpo do soldado adversário cai no chão. Ele segue caminhando, mas agora a sua vida está por um triz. Alguns passos além da sua última vítima, ele comete outro erro. Esse erro é fatal por que o tiro acertou a sua cabeça.

Num acampamento de campanha, o soldado Thomas Wilson está sob cuidados médicos. E pronto pra mesma batalha, muda seu visual e seu equipamento. Dessa vez ele prefere usar um capacete ao invés do colete.

No mesmo corredor que foi atingido da última vez, ele não comete mais erros. O seu algoz da última batalha também não o surpreende mais e é eliminado. Com muita atenção e cautela Tom avança pelo galpão inimigo.

Em uma sala repleta de soldados armados estavam as bombas que o fizeram ir até ali. Ele entra atirando. Acerta todos os tiros na cabeça. Seus aliados entram na sala, mas não a mais nada a ser feito. Ele ganha uma medalha pela missão cumprida.

Assim que ele chega ao quartel ele é solicitado para mais uma missão. Para a missão ele vai equipado com um rifle M1 e algumas granadas. Seu uniforme continha um colete à prova de balas.

Sua chegada a pequena aldeia italiana acontece na calada da noite após um salto de paraquedas. Equivocou-se ao entrar na aldeia sem nenhum reconhecimento. Foi alvejado de diferentes direções, não resistiu. Fracasou.

Na tentativa seguinte conseguiu achar a casa de comunicações, sua missão era destruí-la, um oficial o avistou, o sinal foi tocado. Fracassou mais uma vez.

Já cansado decidido a não errar ele avança sorrateiramente contra seus inimigos. Um por um todos caem. Quando chega até a casa de comunicação ele espera escondido e observa, os movimentos do oficial que cuida da sala. Quando o pobre soldado vira de costas para a entrada, Tom atira enquanto avança a passos rápidos.

Explosões ao longe são escutadas

Tom estoura a cabeça do inimigo. E com a própria arma atira inúmeras vezes em todo o maquinário da sala. Quando as máquinas começam a soltar fumaça mais uma de suas missões é cumprida.

“Soldado larga o jogo, a guerra tá acontecendo aqui”

Explosões destroem o galpão que o soldado estava.

Sob os pés

Os rangidos ecoavam pelas velhas tábuas no chão. Seus passos o levavam cada vez mais para a escuridão. Com sua mão tateava a parede à sua direita. Sua respiração era pesada. Sua mão encontrou algo com uma textura diferente, em vez de concreto achou madeira. Tateou até achar uma maçaneta. Abriu a porta e entrou.

Seus pés vacilavam. Tinha medo. A última porta o havia colocado em um cômodo onde o chão era coberto de cacos de vidro. Nessa sala ele fez o costumeiro processo de tatear à parede a sua direita em busca de um interruptor. Encontrou e o apertou. Uma lâmpada começou a piscar e lançar uma luz amarelada sobre todo o local. Um único móvel se destacava: uma pequena mesa de madeira. Os passos de Tarso o seguiram, agora, sem vacilar. Sobre a mesa ele pegou uma garrafa PET. Retirou a tampa do recipiente e através do bocal cheirou o conteúdo. Não sentiu nem um cheiro estranho. Não sentiu cheiro algum. Colocou um pouco do líquido na boca. Era água. Esvaziou a garrafa em alguns longos goles.

Como todas as salas anteriores que Tarso havia entrado essa continha duas portas. Ele poderia escolher sair pela porta que entrou ou seguir por uma porta desconhecida. Escolheu seguir pela desconhecida. Foi agraciado por um corredor mal iluminado, era melhor que o breu total.

À medida que caminhava o corredor começou a ficar mais escuro. Cogitou em voltar, mas o resultado também seria um corredor escuro, então preferiu seguir em frente. Torcia para encontrar alguma sala na qual encontraria um local pra descansar. O homem de meia idade sentia que andava há horas, desde que havia acordado. Nada naquele labirinto pelo qual ele desbravava indicava a passagem de tempo, mas ele sentia todo o peso daquele dia. Estava exausto.

Uma hora depois de estar naquele corredor Tarso finalmente encontra uma sala com um colchonete no chão. Dominado pelo cansaço ele não titubeou, deitou-se na desconfortável cama. Não demorou a dormir.

Em uma sala escondida atrás de uma estante, de um quarto esquecido, numa mansão Murilo olhava uma TV de monitoramento. O que ele via era um homem magro com cabelos caindo sobre os ombros e com uma barba espessa no rosto. Como em todos os outros trinta e um dias anteriores tomava um uísque enquanto observava seu inimigo definhar aos poucos. A vingança era saborosa.

No fim da Noite

É hoje, é nesse dia que Marcos beijará pela primeira vez, mas ele ainda não sabe. À noite o espera.

Maria Helena bate a porta, a mãe de Marcos. Uma mulher que perdeu a paciência no instante que seu filho mais velho nasceu. Aquela mulher batia na porta pra valer.

- Levanta dessa cama, moleque!

Deitado em sua cama e olhando para o teto estava Marcos. Num calor infernal de janeiro, sobre os lençóis dos Super Onze estava o garoto. O sinal da cruz é feito. Dois pais nossos, depois desse ritual o menino de treze anos senta na beirada da cama. Ele não sabia se Deus escutava tudo, esperava que não, mas por via das dúvidas rezando todas as manhãs ele já teria uns pontinhos lá no céu.

- Olha só, vou tirar a mesa e se tu não for lá vai ficar sem comer até o meio dia. Não quero nem saber.

Na verdade ela se importava, criança que não come não cresce, fica doente, mal nutrida. Maria não ia criar nenhum anêmico.

Dentro do quarto repleto de pôsteres (Romário e Hagi dominavam aquelas paredes) e de miniaturas de carros que dividiam espaço nas prateleiras com os livros de Douglas Adams e de Tolkien. Marcos responde a mãe.

- Já vou!

Andando sobre o tapete do quarto com o chão que escondia irregularidades, Marcos sente o tecido macio sob seus pés descalços e caleçados de tanto jogar bola, descalço, com os moleques da rua.

Enquanto percorria os corredores da casa até a cozinha escutava no rádio “Estou apaixonado”. Dona Maria adorava sertanejo e quando era uma música do Daniel aí ela se acabava.

Ele tomou seu café enquanto ouvia sua mãe cantarolar a sua frente preparando o almoço.

- Tem festinha hoje filho.

- Festinha? Mãe, não sou mais criança. Não fala festinha.

Não adiantou, ela continuou falando festinha e coleguinha até ele desistir, anos depois, e aceitar que era assim que ela ia falar pra sempre. Marcos fez trinta anos, está quase noivo, mas sua mãe ainda continua nomeando Fernanda, sua noiva, de namoradinha quanto ela não está por perto.

- Eu falo como quiser, sou tua mãe e falo como eu quero.

Sutileza não era o forte de Maria.

- Desculpa, mãe. Eu posso ir, né?

A mulher vira as costas pro fogão e olha pro filho com uma intensidade incomum. Naquele momento ela estava observando o garoto e pensando orgulhosamente que afinal seu filhinho já estava grande, forte e que daria muitos problemas pras mães do bairro que tinham uma moça em casa.

- Pode. O Rodrigo também vai, né? Eu gosto dele.

A ingenuidade das mães é adorável.

- Vai, ele vai passar aqui pra gente ir a pé. É no salão de festa na XV de Novembro.

- Tá, você quer que eu passe sua camisa nova.

- Não precisa.

As horas passaram e Rodrigo finalmente chega à casa do impaciente Marcos.

Maria recebe o coleguinha do filho e o manda entrar. Marcos era alto, tinha ombros largos, cabelos pretos, olhos azuis e um rosto quadrado. A dona de casa lembrou-se dos meninos que a faziam sonhar quando ela estava no colégio.

Depois de uma fazer um pouco de sala os dois garotos saem rumo a liberdade que a noite oferece.

A conversa foi animada pelos quinze minutos seguintes enquanto falavam de futebol ou carros. Eles realmente falaram alto pra caramba quando o assunto foi o Maverick, mas quando a Beta entrou na conversa, o tom foi

diferente, Rodrigo perdeu seu sorriso fácil que o acompanhara durante os metros anteriores. Marcos nem percebeu continuou pelos cinco minutos restantes de caminhada falando na gatinha dos seus sonhos.

O que falar daquele espaço que adentraram os amigos? Era um galpão enorme com refletores no teto. As paredes do Blue Heaven eram de concreto o que deixava a abafada noite ainda mais agonizante. Os banheiros ficavam a alguns metros da entrada e o bar na parte final perto do palco.

Aquela noite era da Silvia, não que ela tenha pagado e tomado posse da noite, mas era sua festa então o som que dominava o ambiente eram as músicas da Corona e do Dj Bobo.

Foi ao som de “Baby Baby” que Marcos achou a Beta. Foi quando tocava “Open your Heart” que seu coração se fechou, ela não o queria. E a música que embalava a galera quando Rodrigo beijava como um amante que possui o bem mais precioso em seus braços era “Fells like a Heaven”.

Enquanto se afastava rumo ao bar, era um bom momento pra começar a beber, Marcos foi surpreendido. Beatriz, como o garoto descobriu mais tarde, o segura pela cintura e encosta a cabeça no peito do jovem. “Run to me” era expelida pelas caixas de som. Ela fica nas pontas dos pés e se estica para poder falar mais perto do rapaz.

- Isso é pra você se lembrar de mim mais tarde e esquecer eles.

Quando percebeu já estava acabando. Foi rápido mais aconteceu. Suas bocas se encostaram. Marcos mal se mexeu, mas beijou.

Perdido na turbulência dos últimos minutos o rapaz desistiu de entregar a noite ao álcool. E andou pelas calçadas desniveladas e mal iluminadas que o levaram até sua casa.

Ainda suado, o calor humano daquela festa encharcou o rapaz, Marcos estava deitado sobre os mesmos lençóis que estampavam o Tsubasa. Balanço da noite: um amigo a menos, uma garota que não valeu os sonhos. Os dois ficaram juntos, não foram felizes.

Mas no fim saiu no lucro. Não foi com a Roberta, mas a desconhecida valeu o ingresso.

Mark

Nani subia as escadas que levavam a seu escritório, o barulho feito por seus sapatos ecoavam pela escada. A dona da maior rede de produtos eróticos é uma mulher de um metro e setenta e cinco de altura, cabelos platinados e seus olhos são azuis. Apesar de seu rosto delicado ela tem quarenta e dois anos, algo raro pra idade. Enquanto escalava os degraus a mulher falava incessantemente.

No escritório todos já sabiam quando sua chefe estava chegando, ela falava sozinha enquanto subia as escadas. As discussões acaloradas que Nani tinha consigo mesma, era a que mais divertia quem trabalhava naquele escritório, ninguém confrontava a chefe por aquilo. Seus funcionários viram Nani abrir as portas de vidro.

A bela mulher segurou a porta por alguns instantes a mais que o necessário (em sua mente viu alguém imaginário entrar) , outra de suas manias, em seguida caminhou entre as mesas de seus funcionários os cumprimentando um a um. A sua simpatia era radiante, todos naquele recinto a amavam ou a invejavam. Isaac a amava. Nani conhecia o amor que seu diretor de marketing tinha por ela, mas ela ainda estava comprometida com Mark, por isso, não importava o quão gentil Isaac fosse, ele não teria nenhuma chance contra seu amado. Após ser cumprimentado, Isaac assistiu as belas pernas, de sua chefe, gíngarem até a sala, com paredes de vidro, no canto oposto da entrada do escritório.

Sentada na sua mesa de trabalho ela tinha uma visão privilegiada de todas as situações que se desenrolavam no escritório a sua frente. Viu designers travarem uma discussão acalorada, sobre o formato do novo brinquedinho que prometia fazer a cabeça da mulherada. Assistiu as mulheres de sua equipe folheando o novo catálogo da empresa, enquanto soltavam sorrisos amarelos.

A expressão que seu rosto fez foi de satisfação quando avistou seu químico se aproximar de sua sala.

O homem, que já começava a perder seus cabelos, ainda do lado de fora, bate com as pontas dos dedos na parede da sala pedindo permissão para entrar. Nani fez um sinal com sua mão esquerda, um anel de ouro ainda reluzia no seu dedo anelar, Steve entrou e dirigiu-se até a cadeira que ficava em frente a mesa. Ele colocou sua maleta sobre as pernas quando sentou.

- Bom dia. Acho que finalmente teremos os novos géis, estou certa?

O homem estava nervoso, era a quarta vez em três meses que ele apresentava seus produtos a sua chefe, quase nenhum dos produtos anteriores foi aprovado.

- Sim, eu trouxe algumas invenções para mostrar para a senhora.

- Ótimo, me mostre então.

O homem abre sua maleta, torcendo para que dessa vez ele não tenha que voltar para o laboratório e mudar alguns de seus géis. Da maleta ele retirou um tubo transparente e o estendeu até a mulher sentada a sua frente.

- Esse é aquele gel que você pediu, dei a ele um leve sabor apimentado. O que ele causa é muito interessante, no começo ele é frio, mas aos poucos vai esquentando, e no fim ele causa pequenas vibrações no local que foi aplicado. Experimente, passe um pouco dele em seus lábios.

Assim ela o fez. No começo foi como encostar uma pasta de dentes refrescante nos lábios, mesmo com o sabor de pimenta que, aos poucos, foi ficando mais forte. Alguns instantes depois de aplicar o gel, o calor começou a aumentar, mas nada que fosse forte o suficiente para irritar Nani. No fim, seus lábios começaram se contrair e relaxar em movimentos sutis. Aquele gel era magnífico, e a fez pensar como seria o efeito em outras partes do corpo. Um sorriso apareceu em seu rosto.

- Excelente trabalho, Steve. O que mais você tem pra mim?

O alívio estampou o rosto do homem. Da maleta ele tirou outros géis, alguns eram simples lubrificantes outros prometiam a prolongação do orgasmo. De todos o que mais chamou a atenção, além do primeiro a ser testado, era um gel que simulava a virgindade, esse mesmo gel causa formigamento na área

aplicada. Esse produto iria agradar homens e mulheres, ela faria muito dinheiro com ele. Antes de aprovar um a um, Nani sempre lançava um olhar perdido ao fundo da sala, pensava se Mark aprovaria. No fim Steve saiu extasiado da sala, era a primeira vez desde que começara a trabalhar na empresa que todas suas ideias haviam sido aprovadas numa mesma reunião com sua chefe.

No mesmo dia, quando o relógio marcava quatro e quarenta e cinco da tarde, Alice entrou sem bater na sala de Nani. A empresária foi surpreendida. Ela falava e olhava fixamente em ponto na parede enquanto segurava uma xícara de café. A gerente financeira não se surpreendeu com o fato de ter interrompido a conversa de uma pessoa só. Alice seguiu direto em direção a Nani e permaneceu de pé a sua frente. A bela moça jogou uma pasta que continha alguns papéis sobre o colo da mulher. Um sorriso surgia na face da gerente à medida que sua chefe folheava os documentos. No fim da leitura Nani saltou com ímpeto da cadeira, por sorte ela já havia posto a xícara sobre a mesa. Alice foi abraçada e felicitada.

De uma das gavetas da sua mesa de trabalho, Nani retirou uma argola de metal ligada a uma haste, também de metal. Dessa gaveta, que ainda contém uma foto de Mark, a mulher retirou um pote que guardou a uma mistura de água e sabão. Ela fechou a gaveta e saiu de sua sala. Nani rumou até um aparelho de som, que ficava em uma das estantes do escritório.

Após ligar o som, sua voz ainda consegue se propagar mais alto que a música.

- Quebramos mais uma vez o nosso recorde de vendas. Vamos comemorar!

Ela aumenta o volume do som.

Seus funcionários já familiarizados com essa forma de comemoração sacaram de suas gavetas algumas armas, em forma de peixe, que atiravam bolhas de sabão. Alguns seguiram até um frigobar que ficava na área de convivência do escritório, e desse frigobar tiraram alguns espumantes, reservados para esse tipo de situação, e levaram para compartilhar com seus colegas. O clima de festa tomou conta do escritório e naquele dia ninguém mais trabalhou.

Nani perambulava pelo escritório assoprando bolhas de sabão. Ela dançava ao som da música enquanto suas bolhas estouravam no ar. Quando todos já pareciam totalmente envoltos ao clima festivo, ela aproximou-se de uma mesa onde uma garrafa de espumante ainda estava quase cheia. Ela encheu uma taça e a ergue.

- Mais uma vitória nossa, Mark.

A música alta abafou a dedicatória feita ao fantasma do marido. Ela o viu sentado em uma das cadeiras do escritório. Mark morreu em um acidente de carro a dois meses atrás, mas Nani ainda o via.

Em uma noite, sentindo-se totalmente desorientada, desejou que seu marido voltasse a fazer parte dela, por isso, comeu um pouco de suas cinzas. O gosto amargo preencheu a sua boca, porém, as cinzas dele agora faziam parte de seu corpo. Seus lábios ainda estavam sujos com o pó de seu marido quando Mark apareceu em sua frente.

Após aquela noite seu marido começou a acompanhá-la pra todo o lado. Nani ainda comprava roupas para seu esposo. Ela abria as portas para que ele pudesse a seguir. Ela também pedia sua opinião antes de aprovar qualquer produto. Mark voltou a fazer parte da vida de sua esposa, que ainda carregava a aliança, e ninguém parecia se importar.

Nani assumiu suas visões e adotou Mark em sua vida. Ela estava feliz e isso era o suficiente para ela, mesmo sabendo que as cinzas que guardava em seu quarto comprovavam que Mark havia morrido. A empresária focou em seu trabalho e adotou a forma como comemorava com seu esposo, a cada conquista do casal, como a comemoração oficial da "Love Pleasures".

Muitas bolhas de sabão ainda estouraram naquela tarde.

Sob as sombras da noite

Sua mãe estava cosendo um casaco pra um de seus irmãozinhos. Os seus passos o levaram até o lado da exaurida mulher. Ela ainda guardava luto. Jean havia falecido há poucos meses em um naufrágio. Ele ajoelha-se aos pés da matriarca.

- Benção, mãe.

- Benção, meu filho, que Deus lhe acompanhe.

Heron se afasta da mãe. Antes de ganhar as ruas de Saint-Rémy-de-Provence deixa um beijo na testa de cada um de seus irmãozinhos. Hector o filho do meio, tinha dez anos, alto pra idade, a cor de seus cabelos é castanho, assim, como seus olhos, sorri quando os lábios do irmão tocam sua testa. Henri o mais novo dos irmãos, um menininho de apenas seis anos, assim, como os irmãos seus olhos eram castanhos, seu cabelo era loiro, mas provavelmente o tempo tratará de escurecê-los. O caçula não dá muita importância para o gesto de afeição do irmão e continua sentado no chão, brincando com seus bonecos.

As ruas estreitas e pavimentadas por pedras estavam enlameadas naquela manhã. O jovem atendente saía, como sempre, mais cedo que o necessário. Precisava chegar somente na nona badalada do sino da catedral, mas ele tinha um percurso especial e gostava de fazê-lo todas as manhãs. Caminhava entre as pessoas, cumprimentando um ou outro conhecido. Enquanto passava sob um arco, uma herança romana, ele foi abordado por um garoto.

- Bom dia, Senhor.

Enquanto pronunciava as palavras, o menino fez uma reverência. Um sorriso explodiu na face de Heron, que respondeu a gentileza.

- Muito bom dia cavalheiro, como anda o senhor?

- Muito bem. Muito bem, mesmo.

Entreolharam-se por alguns segundos. Heron deu a conversa por terminada, por mais que parecesse que o garoto tinha algo a dizer.

- Fico feliz em ouvir isso. Bom eu acho que vou indo então. Ten...

- Poderia estar melhor sabe?

O menino tinha por volta de nove anos, vestia trapos que estavam pequenos no seu corpo, seu rosto estava coberto por cinzas. Ele coçava a cabeça e fazia uma careta, para demonstrar que as coisas não estavam tão bem assim.

- Sei. Posso saber por quê?

- Ah... É que faz um tempinho que minha boca não sente o sabor de um doce.

Um sorriso alargou-se na cara de Heron. Ele tinha um carinho especial por Oliver.

- É mesmo, bom de certo o Michel lhe dá alguma guloseima.

- Nada, aquele padeiro muquirana, só quer saber de me fazer carregar lenha pra lá e pra cá. Com o que eu ganho mal dá pra minha vó fazer alguma coisa lá em casa.

Ainda sorrindo, Heron tira do bolso alguns francos e entrega ao garoto.

- Vai lá, deixa sua boca sentir um docinho.

Fez um cafune no menino antes de ele sair correndo pela lama das ruas.

- Obrigado Heron!

Gritou o garoto que se afastava. O jovem respondeu.

- De nada, senhor!

Os pés de Heron o conduziram até a tenda Pietro. O dono da tenda era um homem alto, a idade já tinha chegado e deixado marcas nos seus poucos cabelos, que começavam a ficar brancos. Pietro usava um avental sobre a camiseta branca. Sua barba estava por fazer. Ele cumprimentou o moço com seu habitual sorriso.

- Bom dia, jovem Heron.

Deu algumas palmadas nas costas do rapaz.

- Bom dia, tudo bem com o senhor?

- Sim, faz muito tempo que parei de reclamar da vida e aceitá-la do jeito que ela nos é oferecida. Vai querer alguma coisa especial hoje? Ou só veio apreciar a minha companhia? Se bem que, acho que você só vem aqui para apreciar a vista.

Um sorriso estampava o rosto do homem. E seus olhos fitavam a bela moça que estava na loja a sua frente. Heron nitidamente ficou envergonhado.

- Hã... Essas maçãs estão com uma cara muito boa. Me vê uma por favor.

Pietro ainda estampava um sorriso no rosto quando entregou a maçã ao jovem. Heron pagou pela fruta. Virou-se de costas para a tenda e enquanto mastigava observava Elaine.

A bela moça sabia que o jovem a observava, mas mantinha discrição enquanto tinha algum cliente na loja. Elaine é jovem assim como seu admirador, têm dezesseis anos, seus cabelos são loiros e seus olhos azuis. O

rosto da jovem é um delicado triângulo, nele havia lábios carnudos e um nariz afinado.

Quando uma senhora deixou a loja de tecidos na qual Elaine trabalhava a jovem lançou um sorriso em direção a Heron e um aceno de cabeça. Aquilo era um sim.

A reação no rapaz foi imediata. Um sorriso preencheu seu rosto. Despediu-se da jovem com um aceno de cabeça. Virou-se para Pietro e estendeu-lhe a mão direita. A mão foi apertada.

- Bom, vou indo seu Pietro. Tenha um bom dia.

- Um bom dia pra você também meu rapaz.

Depois de ver sua amada suas forças se preencheram. Ele teria que aguentar seu chefe, que não estava de bom humor nos últimos dias, mas o dia prometia acabar bem.

Atravessou a praça da catedral. A mercearia ficava bem em frente da enorme obra arquitetônica.

Enquanto seus pés tocavam o chão da loja pela primeira vez no dia, seus ouvidos já recebiam as boas vindas, dos berros, do comerciante.

- Tá atrasado de novo!

- Mas seu Christopher.

- Não tem nada de seu Christopher. Tu atrasou, vou descontar do teu dia.

- Meu horário só começa na nona badalada.

- Mas tens que estar aqui antes, pra me ajudar a abrir a loja.

O sino badalou no outro lado da praça. A nona badalada do dia. Heron calou-se seguiu para trás do balcão e colocou seu avental.

Durante o dia seu chefe gritou, esbravejou, discutiu com ele, com os clientes, com os vendedores de mercadorias. Christopher também trapaceou. O dono da mercearia alterou os pesos na balança, inventou preços abusivos por simplesmente querer fazer isso.

O pior, Heron também mentiu, trapaceou, esbravejou, discutiu. A cada novo atendimento o jovem sentia-se pior, sentia-se mais sujo, mas era da sujeira que retirava os francos. Seu espírito jovem foi se rebelando pelo que fazia, ele sentia-se corrompido por tudo aquilo que desprezava. O fim do dia se aproximava e o por do sol lhe prometia uma recompensa.

No fim do expediente entra na loja Marie, uma senhora idosa que se inclinava sobre sua bengala. Ela caminha entre as prateleiras e bancadas até que Christopher a aborda.

- Boa tarde, posso ajudá-la?
- O Heron pode. Venha cá, meu filho.

Marie fez um sinal para que o jovem se aproximasse. Christopher ainda desconcertado dá passagem ao rapaz, ele lança um olhar fumegante em direção de Heron que se aproxima.

O jovem esboça um sorriso sincero e cumprimenta Marie.

- Olá, como vão as coisas Marie.
- Ah, meu querido vão indo, melhor agora que o pequeninho consegue me ajudar em casa.
- Verdade. Vi ele hoje de manhã. Devia estar saindo da padaria.
- Sim, ele me falou que você lhe deu doces.

Marie olhava com gratidão para o rapaz, que respondeu com um sorriso. E perguntou:

- O que vai hoje?
- Hoje eu vou levar um queijo de cabra. Oliver tá com saudades de comer isso, ele me disse.

- Sei, tenho ótimos queijos aqui me deixe lhe mostrar.

Heron lhe mostrou. Jogaram papo fora. Sorriram. Mataram as saudades um do outro, ela que conhecia seu pai desde que ele era um garoto. Enquanto Heron pesava o queijo. Christopher pigarreia.

- Meu rapaz você não sabe que essa balança está quebrada?
- Na verdade ela está funcionando muito bem.
- Não, não está.
- Olhe o senhor mesmo como está funcionando.

Christopher se aproximou fingiu que checou a balança. Balançou a cabeça como se confirmasse que suas suspeitas estavam corretas. Olhou inquisidoramente para Heron. Pesou o queijo em uma balança diferente. Falou o preço:

- Trinta e cinco francos.

O espírito de Heron enfureceu-se. Christopher havia trapaceado o dia todo, como em todos os outros dias. Heron também por que era isso ou ser demitido. Até naquele dia somente pessoas desconhecidas ou que ele mal sabia quem eram entraram naquela loja. A mercearia ficava na parte abastada da cidade, nem todos podiam fazer suas compras ali. Certamente Marie foi até a loja para revê-lo. Agora estava sendo extorquida.

- Muito bem, deixe-me pegar o dinheiro.

Marie retirou de uma bolsa, que carregava consigo o valor pedido pelo queijo. Entregou ao dono do estabelecimento. A cabeça do rapaz estava prestes a explodir, não suportava aquilo. Suportou. Viu-a entregar o dinheiro tão duramente conquistado em troca de um queijo de cabra, que não valia nem quinze francos. Antes de partir Marie estende as mãos na direção de Heron. Ele as aperta.

- Por seu atendimento.

Ela passa quinze francos a mão do rapaz. O coração do jovem se parte. Não consegue segurar o dinheiro. Ele dá a volta no balcão e devolve os francos para a senhora.

- Fique com ele. Foi um prazer atendê-la.

- Querido, fique, é de coração.

- É de coração que eu peço, fique com ele.

Ela sorri. Assente com a cabeça. Trinta e cinco francos foram muito mais do que ela esperava pagar por um queijo. Aqueles quinze francos extras, que levava pra casa já lhes manteria por uma semana. Saiu da loja com o pequeno embrulho que continha o queijo.

Quando Marie já estava longe, Christopher esbravejou.

- Nunca! Nunca mais me desafie! Entendeu?

Ainda nervoso Heron devolve no mesmo tom.

- Eu a conheço desde criança. Ela ajudou a me criar.

- Não me interessa. Aqui você faz o que eu mando e ponto final.

O autocontrole falou mais alto, o jovem se calou. E perguntou:

- Posso sair mais cedo?

- Ainda pede pra sair mais cedo... Tá já ia fechar mesmo.

Heron retira o avental. Aproveitando que o dono seguiu para os fundos e já havia lhe entregado o dinheiro do dia, surrupia um litro de vinho de uma prateleira. Sai rua afora.

Faz todo o caminho da loja até uma colina, distante dez minutos de caminhada das casas do centro urbano da cidade. No percurso não sente nenhum remorso pelo roubo, mas sim por sustentar aquele emprego horrível. Chegada a colina, ele a escala. Senta-se no topo, abre a garrafa. Bebe do líquido.

O rapaz não precisou esperar muito. Elaine em um vestido rosa, subia o morro em direção a Heron. Ele já havia bebido metade do vinho que havia na garrafa. Estava bêbado. A moça sorria quando chegou até o rapaz. Ele mal conseguia ter um pensamento coerente. Ofereceu o vinho estendendo a garrafa.

- Não, obrigado.

- Peguei pra gente.
- É que eu não bebo.
- Eu também e olha só pra mim agora.

Ele estava sentado na grama. Esticou os braços quando proferiu a frase. A moça perdeu o sorriso, começou a pensar se foi uma boa ideia ter aceitado o convite. Elaine sentou-se ao lado do rapaz.

Ficaram em silêncio. Ela puxou conversa. Ele mal respondeu. Ele já desconfiava se estava sonhando ou se era o mundo real. Não sabia, mas falou o que sempre quis dizer.

- Eu te amo sabia? Eu te quero, quero casar com você, quero ter filhos com você.

Foi demais pra ela, que não conseguiu raciocinar rápido o suficiente. Ela estava apaixonada por Heron, mas não reconhecia aquele rapaz bêbado que estava ao seu lado, isso fez as palavras se atrasarem. A demora irritou o moço.

- Que foi? Deixa eu adivinhar, você não gosta do pobretão órfão aqui.
- Não é...
- Claro que não, quem ia se apaixonar por alguém ferrado como eu.

Ele estava a assustando.

- Heron, é melhor eu ir embora outro dia a gente conversa.

Ele estendeu um de seus braços e a agarrou.

- Nada disso você fica aqui.

Ela sentia o cheiro de álcool enquanto o rapaz se inclinava na sua direção. Ele estava bêbado isso facilitou pra ela, que acertou um tapa no seu agressor. Ele sentiu a pele da bochecha pegar fogo. Ele a soltou.

- Sai daqui, para de ficar me enganando.

Ela levantou-se, seu coração martelava o peito. Lágrimas brotavam em seus olhos. Seu príncipe havia se transformado em um monstro. Ela correu colina abaixo rumo a cidade.

Aquilo tudo parecia um sonho para Heron. Ele viu sua amada se distanciar no horizonte. Atrás da cidade sol se punha. Na cidade as sombras das casas se projetavam no chão, mas nada tão assombroso quanto a enorme sombra da catedral que cobria a cidade num cobertor negro.

O sol se pôs e a lua surgiu. Junto a lua as estrelas brilhavam. Ele continuava no mesmo lugar. A garrafa estava vazia ao lado do rapaz, Heron enxergava formas disformes a sua frente. Na visão do rapaz as estrelas dançavam e contorciam-se no céu. A luz da lua era o suficiente para fazer com que a

monstruosa catedral projetasse suas sombras sobre a cidade, que adormecia lá em baixo. A imponente obra feita em homenagem a Deus distorcia-se a sua frente. Naquela noite ele adormeceu ali na colina. As lembranças daquele colosso disforme a sua visão lhe acompanharam a vida inteira.

Numa Lanchonete

Uma xícara de chá repousava na frente de Danielle. A bela moça olhava fixamente para o líquido âmbar. Naquela lanchonete, todas as outras mesas estavam vazias. A noite fria deixou sua pele gelada e aos poucos, o calor ambiente do estabelecimento a esquentava.

Ela começava a achar que estar ali sozinha era realmente o melhor. As coisas poderiam ficar confusas no trabalho.

O tempo passou e Dani continuava sentada na mesma mesa da lanchonete, mas a única coisa mais forte que a vontade de sair dali era o desejo de ir até o final, esperaria a noite toda pela certeza de que havia falhado.

A porta da lanchonete se abriu. Dani olhou a moça indo em sua direção.

Olívia seguia com passos firmes em direção a Dani. A bela moça senta-se na cadeira de frente para aquela que a esperava.

Dani fala:

“Achei que tinha me enganado a seu respeito amor”

Olívia fala:

“Nem um pouco, é que o Alberto tava discursando sobre o quanto os jovens estão se perdendo”

Dani fala:

“Ah, ele também já discursou sobre isso comigo. Então na minha casa? Ou na sua?”

Olívia fala:

“A minha é mais perto”

As duas se levantam e saem da lanchonete.

Ice cream in the sky

Casquinhas lutam,
jujubas ferozes aplaudem
A cadeira lacrimeja dinheiro carnudo

No canto,
Um pegador de sorvete triste
Sangra calda de morango

A balança estranha
o freezer eufórico

misteriosamente,
o atendente recolhe tudo.

Márcio

No buraco negro,
O Deus safadinho

Quer vadias, homéricos alienígenas, vacas de confete

Sem cuspe.

No banheiro,

o diabo persuade uma senhora

Sexualmente

A Anna mimeografa tudo:

A pedra nunca viu o meio do caminho.

Autores: Anna Bianchi, Bernardo Castello, Fábio Monteguti, Gaetan Dausy, Luiz Menezes, Luiz Braun, Luisa Kons, Marina Duarte, Natan Tomaz, Patrícia Paredes, Priscila dos Anjos, Thiago Passos.

MORTUÁRIA

FADE IN:

CENA 1

EXT. FLORESTA/FIM DE TARDE

A floresta é repleta de árvores altas, mas com um bom espaçamento entre as árvores. Flores cobrem todo o chão entre os espaços da árvore. O verde escuro é a cor predominante, porém, muitas flores vermelhas, de uma tonalidade cor de sangue, se espalham entre as árvores. JINO ti BARIEN um homem na casa dos 30 anos, alto e forte, corre em há um ritmo constante entre as árvores. Ele pula de uma pedra, sua passagem deixa rastros nas flores vermelhas que chegam até seus joelhos. Ele para e verifica no seu pulso um aparelho que indica a localização de um lugar. Acima de um ponto piscando na tela está escrito Similah. 13 quilômetros até o destino marcava o relógio.

JINO

Merda, merda, filho da puta.

Jino Escuta um barulho. Seus olhos procuram por algo e encontram um quadrupede por volta de um metro de altura e um e meio de comprimento. As patas do animal eram curtas, mas seu pescoço era comprido. Não parecia uma ameaça, mas jino não baixou guarda. O peno quadrúpede abaixa a cabeça e

caça alguma comida escondida em baixo das flores. O homem aliviado volta a correr.

Cena 2

EXT. CAMPOS ABERTOS/FIM DE TARDE

Um grupo de dez habitantes do planeta MORTUÁRIA estavam reunidos. Eram todos humanoides altos, entre um e oitenta e dois metros de altura. Todos eram musculosos usavam calças feitas por peles de animais, não estavam usando nenhuma camisa. Suas peles com tom acinzentado apresentavam cicatrizes negras que marcavam principalmente os braços alongados e as costas definidas. Todos olhavam as costas de TRICKIJ a espera de suas palavras. Trickj, um mortúarino de um e noventa era o único que não possuía a sua cabeça raspada, possuía uma longa cicatriz na sua bochecha. Ele virasse a seus semelhantes. Todas as falas dos mortúarianos serão em sua língua natal, portanto, o som gutural do idioma devera ser legendado.

TRICKJ

(legendas aparecem)

Hoje, diante de nossos antepassados, diante dos deuses que nos observam, nós iremos honrar a nossa natureza e ir atrás daquele que não respeita o nosso lar a nossa terra. Lá...

Trickj aponta para a silhueta de uma cidade que está longe de onde eles estão. Era para lá que ele olhava anteriormente.

TRICKJ

(legendas aparecem)

Continuaremos o que nossos pais nossos irmãos, amigos, nossos bravos guerreiros lutaram pra conquistar.

Dois dos guerreiros mais a frente do grupo e mais perto de seu líder começam a bater com seus pés no chão.

TRICKJ

(legendas aparecem)

Naquela terra outrora profanada, voltaremos a honra-la, pois, hoje ofereceremos aos deuses uma dádiva. Hoje transformaremos vocês em homens, não mais crianças...

O grupo de jovens começa a soltar gritos.

TRICKKJ

(legendas aparecem)

Na antiga casa dos sem almas, nós poremos fim a dos antigos profanadores, não há um . Nosso inimigo se chama Jino. Hoje ele ira sentir a fúria de um mortuário. Nós lhe daremos o último suspiro.

GRUPO

(em CORO, legendas aparecem)

Jino! Jino! Jino! Jino! Jino!

Cena 3

INT. NAVE

Sentado numa cadeira na ponte de comando YUTRI, um bratiano, humanoide e com a cara achatada observava um pontinho piscando na tela a sua frente. Na tela o nome de Jino piscava.

EXT. FLORESTA PERTO DE SEMILAH/NOITE

Jino começa a diminuir o ritmo da corrida. As árvores estão já são escassas, mas ainda há muita flor vermelha por todo o chão. Ele para quando avista a imensidão dos prédios abandonados. Caminhando ele segue até a Semilah. As flores o acompanham até ele pisar no cimento que indicava o início da cidade. Ele leva o seu aparelho até perto da boca.

JINO

Ligar central.

Um barulho agudo sai do pequeno equipamento.

JINO

Aqui é Jino. Estou no ponto de resgate, solicito a minha retirada do local.

Silêncio.

JINO

Solicitando minha remoção do local.

Silêncio.

JINO

Alô, Alô. Alguém na escuta? Merda.

INT. NAVE

Yutri permanece imóvel enquanto escuta as primeiras solicitações de Jino. Aperta um botão que ativa a conversa quando percebe que o homem começa a se alterar.

YUTRI

Senhor Jino sinto lhe informar, mas não poderemos ir lhe resgatar no momento, pois, a noite caiu e somos proibidos a entrar em Mortúalia nesse período. Vá até o ponto de encontro e amanhã cedo nós o retiraremos do local.

JINO

(Voz off)

Como é? Eu tô aqui em Mortúalia e tens coragem de me falar que não vão me tirar daqui. Permissão é o caralho, sua panqueca gigante. Me tira daqui.

YUTRI

Lamento senhor, não possuo permissão do solicitador dos seus serviços para entrar em Mortúalia há noite. É muito arriscado.

EXT. SEMILAH/NOITE

JINO

Olha só diz pro seu chefe que eu tô com a preciosa jóia dele, aquela que ele não teve coragem de vir buscar. É melhor você vir aqui me buscar. Se não...

É interrompido pela voz que sai do aparelho.

YUTRI

(Voz Off)

Se não o quê senhor Ti Barien? Você ainda vai estra aí amanhã e se quiser sair do planeta precisa dessa nave, portanto, vá até o local combinado e espere a manhã nascer. Antes que você tente argumentar, sim essa joia é valiosa, mas essa nave é mais e certamente ela seria avistada na noite se tentasse adentrar no planeta, então, não só a jóia, mas também essa nave cairiam nas mãos dos mortúarinos. Entre em contato amanhã assim que a luz começar a retornar.

Boa sorte.

JINO

Dane-se se ela for avistada, isso é uma nave, não um carrinho de Bratis. Nós sairíamos daqui antes deles chegarem.

Esperou por um tempo, mas não obteve resposta.

JINO

Alô? Alô? Merda, eu pego esse desgraçado.

Desistiu de tentar convencê-lo. E entrou na cidade por uma rua que estava cheia de naves antigas e abandonadas, eram todos modelos que não possuíam a capacidade de sair da atmosfera.

Cena 4

EXT. SEMILAH/NOITE

O grupo de guerreiros mortuárianos estava a espreita e espalhado pela rua principal de Semilah. O olhar de cada um dos garotos era vacilante e demonstravam medo

TRICKIJ

Seu olhar expressa apenas concentração a qualquer movimentação estranha ou ruído.

Esperaram por um tempo até que o ruído de passos ainda abafados surgiu. Jino andava vagarosamente e com passos leves. Ele olhava e observava cada possível lugar onde um mortuárinho pudesse estar escondido. Um dos novatos também escutou os passos e reagiu com um movimento brusco que resultou em um ruído.

TRICKIJ

Serra os dentes.

JINO

Mantém o ritmo dos passos e segue em direção a uma rua transversal.

TRICKIJ

levantasse, antes estava agachado atrás de uma nave abandonada. Os jovens permaneceram em suas posições. Trickj gesticula para que o grupo se separe em três. Três ficam na rua principal. Outros três somem por uma rua diferente da que Jino entrou. Trick lidera uma perseguição ao seu alvo com os restantes.

JINO

Seus passos começam a vacilar, suas mãos começam a tremer. O grupo de Trickij faz barulhos enquanto movimentasse. Na rua um edifício se destacava Jino começa a dirigir-se ao prédio.

TRICKIJ

Percebe a intenção do humano e ordena para que seus comandados o ataquem.

JINO

Os passos pesados do grupo fizeram com que começasse a correr, ele não olha para trás, desiste de entrar no prédio abandonado e segue na rua. Jino é rápido, mas está sendo alcançado pelo grupo. Quando chegou ao cruzamento entre ruas o mesmo grupo de mortúrianos que havia seguido por uma rua diferente irrompe na que estava ocorrendo a perseguição. Já ofegante Jino corre na única saída possível, a rua a sua direita, mas cada vez mais é alcançado por aqueles que o perseguem.

GIMEJ

Ainda com muito fôlego, estava atrás de todos que perseguiam Jino, dá um sprint final rapidamente passa seus semelhantes em direção há seu alvo. Gymej pula em cima da presa, o homem foi agarrado pelas costas e é derrubado no chão. O pesado guerreiro cai por cima de Jino que tem sua cara esmagada contra o chão, o baque foi tão violento que seu nariz quebrou. Rapidamente os outros chegam aos dois que estavam no chão. Gymej sai de cima do homem deitado.

JINO

Permanece com o rosto virado em direção ao chão.

Um dos novatos ajuda o seu companheiro a se levantar.

GYMEJ

É parabenizado por cada um do grupo, todos ou sorriem em sua direção, ameiaram a cabeça ou dão tapinhas em seus ombros.

TICKIJ

O abraça e encosta sua testa com a testa do rapaz.

TRICKJ

(Legendas aparecem, sussurro)

Orgulho.

Trickj levanta o homem com sua mão direita segurando-o pelo seu pescoço. Jino solta gritos de dor. Com sua mão esquerda o mortúarino a leva o braço do humano que está com o aparelho que o guiou naquela missão.

TRICKJ

(Sem legenda, mas com sotaque marcado)

Ligar central.

O aparelho solta um som agudo. O humano começa a se recuperar.

TRICKJ

(Com legendas para um dos seus semelhantes a sua esquerda)

Rápido, na cabeça.

O comandado entende o recado. Com um soco na nuca ele faz com que Jino desmaie.

YUTRI

(Voz off)

Alô, ponte de comando na escuta.

TRICKJ

(Sem legendas com sotaque)

Vem buscar.

YUTRI

(Voz off)

Tudo bem, já vou.

Cena 5

EXT. CAMPOS NOS ARREDORES DE SEMILAH/NOITE

Uma nave se aproxima. A máquina, uma nave prateada com três metros de altura e quinze metros de comprimento, pousa perto do grupo de guerreiros e de Jino. Todos olham pra escada que se abre e de lá veem Yutri sair. Jino está com o rosto desfigurado. Todos os jovens estão com o sangue do humano espalhado pelos braços e troncos. Yutri aproximasse cautelosamente dos mortuários.

YUTRI

Vejo que já começaram.

Todos permanecem impassíveis, até mesmo Jino.

YUTRI

Como vai, Trickj?

Trickij se aproxima e quando chega perto o suficiente entrega um colar que ostenta uma pedra azul celeste. O olhar de Yutri fica fixo na pedra. Ele pega a jóia. Trickj dá uma olhada pra nave e move a sua cabeça em direção a ela.

YUTRI

Entendi, tô indo então.

Yutri vira as costas ao grupo e segue em direção a nave.

YUTRI

(de costas pra Trickj)

Sabe? Você fica bem de cabelo, sempre vi potencial em você pra ser um líder.

JINO

Então é isso? Vo...

JINO

Está de joelhos e é segurado por dois mortúarinos. Levou um soco na boca.

TRICKIJ

Levanta sua mão direita e seus guerreiros voltam a manter guarda, mas sem mais ameaçar atacar seu prisioneiro.

JINO

Levanta a cabeça e cospe sangue.

YUTRI

Já olhava o humano.

JINO

(Continua)

Você me trocou por isso.

YUTRI

Sim, lamento nada pessoal, mas eu sentia falta da jóia.

JINO

Me mandou aqui pra que se poderia vir você mesmo? Pelo visto eles são seus amiguinhos.

Nenhuma reação, todos os presentes não se abalaram.

YUTRI

(Para Jino)

Senhor ti Barien, mero acordo comercial eu queria essa pedra e muito, mas ela não vale a minha vida, não é mesmo? Porém, para minha surpresa o senhor Trickj ainda conhecia as instalações de Semilah. O sistema de comunicação do meu antigo escritório daqui tem comunicação direta com meu escritório em Bratis.

JINO

(Para Yutri)

Então me mandou aqui só pra pegar o medalhão e me deixar como recompensa.

YUTRI

(Para Jino)

Você até que pega rápido as coisas pra quem não tem muita exigência a fazer ao contratante. Sim, o nosso líder sabia que eu tinha coisas aqui a qual queria muito e ele precisava de uma presa digna pra seu, seu...

YUTRY

Passa seus olhos pelos mortuárianos e para assim que vê Gymej.

YUTRI

(Para Gymej e em seguida para Jino)

Ai está, tem a cara do pai. Bom, ele precisava de algo digno pra iniciação do filho e você sabe não estamos mais no período de guerra de libertação. Fica difícil achar boas presas por aí. Então, ele me contatou e eu escolhi você pra missão. Não tivesse sorte amigo, desculpe. Bom, acho que agora eles já podem finalizar. Os mortuárianos não costumam tirar a vida de sua caça sem ao menos dizer o motivo disso. Acho que fiz isso por eles.

JINO (POV)

Vê Yutri entrar na nave, o batriano virasse para dar a última olhada nos que ali estavam presentes.

YUTRI (POV)

Vê Gymej aproximar-se de Jino e segurar a sua mão esquerda com a força feita pelo aperto a mão do humano é quebrada. Jino grita.

FADE OUT